PLANEJAMENTO URBANO DO VALE DO PARAÍBA – OS REFLEXOS DA HISTÓRIA NO HOJE

**Resumo**

**O presente artigo traz uma breve análise de como ocorreu o processo de construção e desenvolvimento urbanístico do Vale do Paraíba e as principais características que levaram uma das principais regiões econômicas do Brasil à estruturação que conhecemos atualmente, a fim de discutir qual o impacto desse desenvolvimento para o meio ambiente e o meio social da região. A falta de planejamento urbano advinda da colonização e das primeiras comunidades que se instalaram no Vale do Paraíba tiveram grande impacto na construção das cidades e, por consequência, na exploração das riquezas naturais da região. Com o objetivo de analisar como a questão do planejamento urbano influencia a história e o progresso de uma região, o artigo apresenta dados históricos que auxiliam no entendimento do processo de urbanização da região do Vale do Paraíba.**

**Palavras-chave:** Planejamento Urbano; Vale do Paraíba; Meio Ambiente; História.

**ABSTRACT**

This article brings a brief analysis of how the process of construction and urban development of the Paraíba Valley occurred and the main characteristics that led one of the main economic regions of Brazil to the structuring we know today, in order to discuss the impact of this development on the environment and on the society of the region. The lack of urban planning coming from colonization and the first communities that settled in the Paraiba Valley had a great impact on the construction of the cities and, consequently, on the exploitation of the natural wealth of the region. In order to analyze how the question of urban planning influences the history and progress of a region, the article presents historical data that help in the understanding of the process of urbanization of the Paraíba Valley region.

**Keywords**: Urban Planning; Paraíba Valley; Environment; History.

1. INTRODUÇÃO

Ao analisar o processo de urbanização do Vale do Paraíba no eixo de acesso entre Rio de Janeiro e São Paulo e a evolução no setor produtivo, com a substituição da atividade agropecuária pelo crescimento das indústrias, vemos a tendência para um ambiente urbano caracterizado pela alta concentração populacional e de capital em determinados municípios e consequente conurbação entre alguns deles. O processo de urbanização do Vale do Paraíba Paulista seguiu as transformações do sistema de produção e as intervenções de eixos interestaduais e intermunicipais de transporte, como a Estrada de Ferro e as rodovias Presidente Dutra, Dom Pedro I e mais recentemente a Carvalho Pinto e a Ayrton Senna. A localização geográfica e as características naturais da região também se constituíram em importantes elementos dessa paisagem historicamente construída, tendo no Rio Paraíba do Sul seu primeiro eixo para ocupação territorial e de transporte entre algumas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro. A ocupação de um meio físico e sua adequação é um passo básico do planejamento urbano; isso cria uma relação de dinâmica urbana e regional, a depender de como acontece a ocupação e isso fica evidente na dinâmica urbana do Vale do Paraíba. O grande responsável pelo planejamento urbano é o Estado, através das políticas públicas correlatas à ação dos agentes sociais no que diz respeito à ocupação de um determinado espaço físico, contudo, em detrimento do rápido processo de ocupação territorial na época da colonização regional e pela falta de estrutura governamental, a urbanização das cidades do Vale do Paraíba ocorreu sem nenhum planejamento (FERREIRA, 2002).

De maneira clara e suscinta, serão apresentados os principais aspectos históricos da ocupação e o resultante desenvolvimento urbano do Vale do Paraíba, pensando em como se deu seu planejamento e como isso afeta os nossos dias. O objetivo é levar o leitor a analisar como a questão do planejamento urbano reflete em grandes influências para toda a história de uma região e para seu progresso. O artigo será apresentado em forma de texto descritivo expositivo, buscando atingir maior compreensão por parte do leitor; os dados apresentados são resultantes de levantamento bibliográfico em literatura acadêmica, principalmente com viés histórico, a fim de expor a transição das realidades que permearam a região do Vale do Paraíba Paulista, desde o início da colonização até o presente, pensando também no que podemos esperar para o futuro.

1. **O PROCESSO HISTÓRICO DE URBANIZAÇÃO DO VALE DO PARAÍBA**

A colonização da região conhecida hoje como Vale do Paraíba Paulista se deu a partir do século XVII com a constante passagem dos Bandeirantes pela região, e esteve inserida em estágios importantes da colonização do Brasil como o ciclo do ouro, já que a região dava acesso às Minas Gerais, da cana-de-açúcar e do café, sendo os dois últimos de grande importância para o desenvolvimento econômico regional. A colonização e, por consequência, as instalações sociais na região começaram, inicialmente, para fins de exploração de minério, e em seguida, foram construídas fazendas para a habitação de famílias abastadas que tiveram acesso à região, junto de seus escravos, dando início à era do plantio de cana-de-açúcar. É necessário lembrar que a exploração humana, tanto dos índios quanto de escravos africanos atravessou todo o processo de colonização e ocupação do território do Vale do Paraíba (DEVIDE *et. al*., 2014).

É possível observar que as primeiras consequências da ocupação humana começaram justamente com o plantio de cana-de-açúcar, que trouxe os primeiros problemas ambientais através do desmatamento de áreas de Mata Atlântica para a monocultura (LIMA, 2015). Aliás, a monocultura acompanhou todo o desenvolvimento do Vale do Paraíba e é uma prática que ainda persiste em nossos dias. Como a estrutura de governo era pouco eficaz nos séculos passados no que diz respeito às políticas de planejamento da ocupação territorial e não se pensava nas consequências ambientais da incursão humana e da exploração ambiental, não houve nenhuma adequação do território às atividades antrópicas que se sucedem desde o século XVII no Vale do Paraíba, portanto percebemos a falta de planejamento no desenvolvimento da dinâmica social e urbana (FERREIRA, 2002).

No fim do século XVIII se iniciou a cultura do café – conhecido como “ouro negro” –, seguindo até cerca de 1920, já muito enfraquecida. O cultivo do café na região foi significativo para o desenvolvimento econômico, pois nessa época muitas fazendas foram criadas e muitas novas cidades e vilarejos surgiram, já que era necessário abrigar a significativa quantidade de pessoas que trabalhavam nas lavouras; ainda era comum a mão-de-obra escrava, mas as fazendas também empregavam outras pessoas, incluindo os muitos estrangeiros que desembarcavam no Brasil àquela época, como por exemplo as famílias italianas que se abrigaram nas cidades do Vale (DEVIDE *et. al.*, 2014).

Nesta época também foi construída a Estrada de Ferro na região, que se tornou a maior exportadora de café do país, mas esse período de cerca de um século acabou por conta da diminuição de incentivos do governo e pelo fim da escravidão, deixando consequências substanciais: houve a maior taxa de desmatamento da Mata Atlântica já registrado com fins de se obter espaço para a plantação, resultando em um solo inerte; as cidades que surgiram não tinham planejamento algum, e as construções invadiram a natureza; muitos perderam seus empregos ao final do Ciclo do Café, aumentando em muito a pobreza na região (DEVIDE *et. al.*, 2014; LIMA, 2015).

Somente na década de 1930, de maneira ainda incipiente, é que se começou a pensar em planejamento urbano no Vale do Paraíba, pois a região, apesar de não estar economicamente estável na época, já era o principal eixo que ligava as metrópoles mais importantes do país, São Paulo e Rio de Janeiro, com acesso para o litoral de ambos os Estados e para a região sul de Minas Gerais. Enquanto as fazendas que restaram introduziram a criação de gado leiteiro como forma de aproveitar seu espaço e gerar renda, as indústrias começaram a se instalar na região, a exemplo da Companhia Siderúrgica Nacional (CSN) criada a partir de decreto do então presidente Getúlio Vargas em 1941. Alguns municípios ficaram fora do eixo econômico e industrial, como Cunha, Silveiras, Bananal, Queluz, formando uma região que ainda depende da agricultura, de pequenos comércios e caracteristicamente mais pobre (DEVIDE *et. al.,* 2014; GOMES; RESCHILIAN; UEHARA, 2018).

Posteriormente, na década de 1970, a industrialização do Vale ganhou destaque, acompanhando a industrialização da Grande São Paulo e culminando no planejamento e construção da rodovia que corta o Vale, dando acesso à Região Metropolitana de São Paulo e ao Estado do Rio de Janeiro: a Rodovia Presidente Eurico Gaspar Dutra. Essas mudanças na dinâmica econômica levaram à consequente alteração da dinâmica social e urbana através do êxodo rural característico da época; Devide *et. al.* (2014, p. 23) traz dados referentes ao crescimento populacional aos arredores do eixo rodoferroviário entre os anos 1950 e 1970, resultando em um aumento de 77% em 20 anos da população urbana devido à industrialização e acesso aos transportes. O inchaço das cidades, incluindo o surgimento de comunidades, favelas e áreas urbanas sem nenhum planejamento, resultou em significativo incremento da poluição, principalmente do Rio Paraíba do Sul (DEVIDE *et. al.,* 2014; GOMES; LIMA, 2015; RESCHILIAN; UEHARA, 2018).

O Rio Paraíba do Sul, que nasce na Serra da Bocaina – inicialmente pela confluência entre os rios Paraitinga e Paraibuna e posteriormente a partir do Reservatório da Paraíbuna – percorre a região paulista do Vale do Paraíba, parte do Estado de Minas Gerais e grande parte do Estado do Rio de Janeiro, desaguando no município de São João da Barra, sendo sempre essencial para o desenvolvimento local. Suas águas foram usadas para a agricultura, a pecuária, a navegação e a dessedentação humana desde o século XVII e também entraram na questão do planejamento urbano. (DEVIDE *et. al.*, 2014; LIMA, 2015).

Muitas cidades cresceram à beira do rio, como é o caso de Lorena e Guaratinguetá, e as consequências foram as enchentes resultantes dos períodos de cheias. Com isso, a construção de diques se tornou uma opção contra as enchentes de várzeas e afluentes, iniciando-se em 1951 com o Plano de Manejo da Bacia Hidrográfica do Governo do Estado de São Paulo; nos anos 1970 a Companhia Energética de São Paulo (CESP), fundada em 1966, em conjunto com a Light, fundada em 1907 no Rio de Janeiro, deram início a construção das primeiras barragens do Rio Paraíba do Sul (DEVIDE *et. al*., 2014).

Hoje não é comum a navegação no Rio Paraíba, seu uso está relacionado com o abastecimento urbano, irrigação, geração de energia hidrelétrica e despejo de efluentes, segundo dados da Agência Nacional de Água (ANA). O curso do rio também já sofreu desvios tanto para a criação das hidrelétricas, destacando-se os quatro grandes reservatórios de Paraibuna, de Santa Branca, do Jaguari e de Funil (já no Rio de Janeiro) quanto para evitar enchentes em áreas urbanas (DEVIDE *et. al*., 2014).

O crescimento populacional, econômico e urbano do Vale do Paraíba, principalmente a partir do fim dos anos de 1940, seguiu o processo de reprodução do capital e da industrialização. À década de 1970 nasceram outras estratégias de planejamento urbano, como a regionalização administrativa pela Secretaria de Economia e Planejamento através do Decreto 52.548/70, o primeiro Plano Nacional de Desenvolvimento e a Política de Desenvolvimento Urbano e Regional, além da Lei Complementar 94/1974, que criou a Empresa de Planejamento Metropolitana (EMPLASA). Neste período, o Vale do Paraíba Paulista começou a ser visto como uma possível região metropolitana, fato que se consumou em 2012, ficando organizada e dividida em cinco sub-regiões, registrado no Plano Regional do Macro Eixo Paulista, de 1978 (GOMES; RESCHILIAN; UEHARA, 2018).

**Figura 1 - Sub-regiões do Macro Eixo Paulista em 1978**



Fonte 1: GOMES; RESCHILIAN; UEHARA (2018, p.160)

É comum que a organização de um território esteja ligada aos planos de acumulação de capital e preservação da economia, e na região do Vale do Paraíba não foi diferente. A urbanização se deu de forma significativa, antes que a cidade passasse a ser a sede do aparelho reprodutivo e da indústria. A região vale paraibana, por sua vez, ao longo de quatro séculos, foi constituindo seus núcleos urbanos, na maioria das vezes, nas proximidades do rio Paraíba, crescendo paralelamente às suas margens e, posteriormente, já no século XX, expandindo-se a leste e a oeste do eixo do rio, da ferrovia e das rodovias.

Nesse ínterim, diversas empresas se instalaram na região a partir do final dos anos 1960, principalmente do ramo químico, petroquímico, automobilístico, aeronáutico, entre outras, já nos anos 1970 os Planos Nacionais de Desenvolvimento I e II foram determinantes para a descentralização industrial das grandes capitais, como São Paulo, e para um remodelamento urbano. Por conta da dispersão urbana, as grandes construções deixaram de se localizar à beira do rio e passaram a ser construídas à beira da rodovia, refletindo a mudança significativa da situação socioeconômica da região – agora o povo depende das estradas, e mais delas foram construídas ao longo dos anos (ANDRADE; SOUZA; GOMES, 2019).

Em 1992, um levantamento do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais – INPE voltado para o planejamento regional, chamada Macrozoneamento do Vale do Paraíba e Litoral Norte do Estado de São Paulo – MAVALE, com o uso do sensoriamento remoto, foi importante para identificar problemas no uso do solo e de risco ambiental, assim como para avaliar o crescimento urbano. Desta maneira foi possível associar os riscos do desenvolvimento urbano não planejado para o meio ambiente.

Apesar disso, a monocultura continuou a ser uma constante na região, agora com as florestas de eucalipto e as plantações de arroz. Muitas áreas foram alagadas para a cultura do arroz, já o eucalipto pode ser visto em grande parte das cidades do Vale do Paraíba hoje em pequenas florestas homogêneas que alimentam a indústria de celulose e ainda secam as terras já afetadas pelo passado da agricultura. (GOMES; RESCHILIAN; UEHARA, 2018; ANDRADE; SOUZA; GOMES, 2019).

* 1. **Sobre A Região Metropolitana Do Vale Do Paraíba E Litoral Norte – RMVPLN**

No ano de 2012, sob Lei Complementar 1.166/2012, foi instaurada a Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, é integrada por 39 municípios e composta por 5 sub-regiões já instituídas no Plano de Macro Eixo Paulista, sendo então:

* Sub-Região 1: Caçapava, Igaratá, Jacareí, Jambeiro, Monteiro Lobato, Paraibuna, Santa Branca e São José dos Campos;
* Sub-Região 2: Campos do Jordão, Lagoinha, Natividade da Serra, Pindamonhangaba, Redenção da Serra, Santo Antônio do Pinhal, São Bento do Sapucaí, São Luiz do Paraitinga, Taubaté e Tremembé;
* Sub-Região 3: Aparecida, Cachoeira Paulista, Canas, Cunha, Guaratinguetá, Lorena, Piquete, Potim e Roseira;
* Sub-Região 4: Arapeí, Areias, Bananal, Cruzeiro, Lavrinhas, Queluz, São José do Barreiro e Silveiras;
* Sub-Região 5: Caraguatatuba, Ilhabela, São Sebastião e Ubatuba

Extensa, a região concentra mais de 2,5 milhões de habitantes, segundo estimativa do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) para 2018, e gerou 4,8% do Produto Interno Bruto (PIB) paulista em 2016, segundo dados da Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano (EMPLASA). Além de ser um grande polo industrial, a região ainda é conhecida pela agropecuária em menor escala, além do turismo e do crescimento do terceiro setor. Os indicadores abaixo, obtidos no site da EMPLASA, mostram como a RMVPLN atingiu um crescimento significativo em 2018, sendo de grande importância econômica no Estado de São Paulo.

**Tabela 1 - Dados da Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte segundo EMPLASA, 2018**

|  | **Área (km²)¹** | **População2018¹** | **Densidade Demográfica 2018(hab/km²)¹** | **TGCA 2010/2018 (%)²** | **PIB 2016 (mil reais)¹** |  |  |
| --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- | --- |
| **RMVPLN** | **16.192,25** | **2.528.345** | **156,15** | **1,39** | **98.115.179** |  |  |
| **Estado de São Paulo** | **248.219,63** | **45.538.936** | **183,46** | **1,24** | **2.038.004.931** |  |  |

Fonte 2 - EMPLASA (https://emplasa.sp.gov.br/RMVPLN)

1. **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Como pudemos observar com os dados apresentados no artigo, a Região do Vale do Paraíba teve sua importância ao longo da história do país de diversas maneiras, mas, principalmente, tem tido até hoje uma importância econômica muito grande. Não só por interligar as duas maiores capitais econômicas do Brasil – São Paulo e Rio de Janeiro – mas também por suas riquezas naturais, pelo Rio Paraíba do Sul, pela capacidade que a região teve em abrigar a agricultura em outros tempos e a indústria atualmente, e por diversos outros motivos.

Contudo, não podemos nos esquecer que o pouco planejamento urbano e a falta de políticas públicas que amenizassem a exploração e o crescimento desenfreado da região foram responsáveis pelos mais variados problemas que encaramos hoje. A intensa poluição do Rio Paraíba, que sempre foi fonte de abastecimento para o Vale (não só o próprio Rio Paraíba, mas seus afluentes); o desmatamento absurdo da Mata Atlântica para fins de monocultura e criação de gado leiteiro; a instalação de indústrias do ramo químico, petroquímico, dentre outros, que tornaram a região mais rica financeiramente e mais pobre ambientalmente; o aumento da taxa de crescimento populacional, que causa um inchaço nas cidades, acompanhado do êxodo rural que atingiu todo o país desde meados do século XX. Enfim, o enriquecimento econômico nem sempre deve ser o objetivo primeiro quando se pensa em ocupação territorial, por isso devemos olhar para os erros do passado na região do Vale do Paraíba e buscarmos mudar os rumos do futuro, buscando o verdadeiro desenvolvimento da população regional.

**CONCLUSÃO**

 Considera-se, então, mais uma vez, que a localização estratégica do Vale do Paraíba parece orientar a visão de estrutura territorial instrumental para garantir o modelo de aproveitamento máximo das diferentes vantagens locacionais oferecidas. O Vale do Paraíba, apesar de ter sido muito explorado e de forma errônea, continua sendo uma região rica e de grande crescimento não só local, mas para todo o país. A falta de planejamento urbano durante grande parte de sua história reflete em todas as áreas em que houve desenvolvimento, contudo fica a pergunta: o que pode ser transformado daqui para frente?

É sempre necessário enxergar a história não apenas como um conjunto de fatos, mas como uma chance de aprendermos o que fazer – e o que não fazer – no futuro. E o futuro do Vale do Paraíba pode ainda ser de grandes avanços científicos, tecnológicos e sociais.

**REFERÊNCIAS**

ANDRADE, D. J. De; SOUZA, A. A. M. De; GOMES, C. Análise Temporal Da Expansão Urbana Nos Municípios Do Vale Do Paraíba Paulista.*In: Mercator*, V. 18, e18005. Fortaleza/CE: [S.n], 2019. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\_arttext&pid=S1984-22012019000100205&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 25 maio 2020

DEVIDE, A.C.P. *et al*. História Ambiental do Vale do Paraíba Paulista, Brasil *In: Revista Biociências*, V. 20, ed. 1. Taubaté/SP: UNITAU, 2014, p. 12-29. Disponível em: http://periodicos.unitau.br/ojs/index.php/biociencias/article/viewFile/1867/1352. Acesso em: 25 maio 2020.

EMPLASA. Sobre a RMVPLN. *In;* Site da Empresa Paulista de Planejamento Metropolitano. Disponível em: https://emplasa.sp.gov.br/RMVPLN. Acesso em: 26 maio 2020.

ESTADO DE SÃO PAULO. *Lei Complementar Nº 1.166, De 09 De Janeiro De 2012 – cria a Região Metropolitana do Vale do Paraíba e Litoral Norte, e dá providências correlatas. In: Assembleia Legislativa do Estado de São Paulo.* Disponível em: https://www.al.sp.gov.br/repositorio/legislacao/lei.complementar/2012/lei.complementar-1166-09.01.2012.html Acesso em: 22 de maio de 2020.

FERREIRA, J.S.W. Apostila didática: alguns elementos de reflexão sobre conceitos básicos de planejamento urbano e urbano-regional. *In:* Site da Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo. Disponível em: https://www.fau.usp.br/docentes/depprojeto/j\_whitaker/aposplan.html. Acesso em: 23 de agosto de 2020.

GOMES, C.; RESCHILIAN, P.R.; UEHARA, A.Y. Perspectivas do planejamento regional do Vale do Paraíba e litoral norte: marcos históricos e a institucionalização da região metropolitana no Plano de Ação da Macrometrópole Paulista. *In: Revista Brasileira de Gestão Urbana*, V. 10, ed. 1, [S.l.] [s.n] p. 154 - 171, jan./abr, 2018. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/index.php/Urbe/article/view/20761. Acesso em: 26 maio 2020.

LIMA, L.E.C. Enriquecimento Humano X Empobrecimento Ambiental na Região do Vale do Paraíba do Sul. *In:* Site Professor Luiz Eduardo. 2015. Disponível em: https://www.profluizeduardo.com.br/2015/04/21/enriquecimento-humano-x-empobrecimento-ambiental-na-regiao-do-vale-do-paraiba-do-sul/. Acesso em: 29 maio 2020.

RESCHILIAN, P.R. O Vale do Paraíba no contexto da urbanização brasileira e a questão do planejamento regional. *In: Revista Ciências Humanas*, V. 11, ed. 1. Taubaté/SP: UNITAU, p. 25-32, jan./jun. 2005. Disponível em: http://www.dpi.inpe.br/Miguel/RMVale-LN/Tathiane/PauloRonmano\_MAVALE.pdf. Acesso em: 25 maio 2020.